

UNEMAT Editora

Editor: Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisão: Equipe Unemat Editora

Diagramação: Ricelli Justino dos Reis

INFORMAÇÕES SOBRE OS ANAIS:

Copyright@2011 - Unemat Editora

Conselho Científico: Agnaldo Rodrigues da Silva (Presidente)
Elisabeth Battista
Olga Maria Castrillon-Mendes
Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Walnice de Matos Vilalva

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SILVA, Agnaldo Rodrigues (Organizador).
ANAIS COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LITERATURA
COMPARADA. Volume 1, n. 1, 2011. Cáceres: UNEMAT Editora, 2011.

ISSN :



Unemat Editora
Avenida Tancredo Neves nº 1095 - Cavalhada
Cáceres-MT-Brasil- 78200-000
Fone/fax: (0xx65) 3221-0077
E-mail: editora@unemat.br



A relação fraternal: mitos de rivalidade e violência nos romances *Os dois irmãos*, de Germano Almeida e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum

Antonio Aparecido Mantovani

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso – *Campus Sinop*

Resumo: O diálogo entre a literatura brasileira e a caboverdiana não se esgota nas décadas de 30 e 40. Este pode ser observado até a atualidade e com extensão para outras regiões brasileiras, além do Nordeste. A partir desta reflexão, este estudo tem como objetivo investigar, dentro do macrossistema literário de língua portuguesa e no âmbito das relações literárias contemporâneas entre Brasil e Cabo Verde, a relação fraternal, mitos de rivalidade e violência presentes nos romances *Os dois irmãos*, de Germano Almeida, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Essas obras podem ser aproximadas, numa abordagem comparativa, por alguns fatores como a hibridez cultural em virtude principalmente da emigração, a presença do mito da rivalidade entre irmãos, o drama familiar causado pelo adultério seguido da reparação sob o signo da vingança.

Palavras-chave: Literatura Caboverdiana, Literatura Brasileira, Estudos Comparados, drama familiar, mitos de rivalidade e violência.

Abstract: The dialogue between Brazilian and Cape Verdean literatures does not end up in the 1930s and 1940s. It can be observed until nowadays and with extension to other Brazilian regions beyond north-east. Based on this reflection, this study aims at investigating, inside the literary macro system of Portuguese language, and in the scope of contemporary literary relations between Brazil and Cape Verde, the fraternal relationship, rivalry myths and violence present on the novels *Os dois irmãos*, by Germano Almeida, and *Dois irmãos*, by Milton Hatoum. These two works can be closed up in a comparative approach by some factors as cultural hybridization mainly due to emigration, the presence of rivalry myth between brothers, the familiar drama caused by adultery followed by reparation under the flag of revenge.

Keywords: Cape Verdean literature, Brazilian literature, comparative studies, familiar drama, rivalry myths and violence.

O relacionamento fraterno é dos mais controvertidos, por sua riqueza e complexidade. O ciúme entre irmãos geralmente é um dos motivos de grandes controvérsias e muitas vezes gera conflitos



insolúveis. Esse tema está presente em muitos relatos bíblicos, míticos e textos literários que os revisitam como os romances aqui em tese.

Segundo Germano Almeida, a história que deu origem ao romance *Os dois irmãos* aconteceu na ilha de Santiago, por volta de 1976, quando ele, como Agente do Ministério Público¹, foi designado para a “acusação de ‘André’ pelo crime de fratricídio”. A escrita desta obra parece, para além do ofício de escrever, ser uma maneira de o autor resgatar e compreender os motivos que levaram André (nome fictício), em sua volta a Santiago, a matar o próprio irmão em virtude de um suposto adultério movido por uma intensa pressão social exercida sobre ele até a consumação do fratricídio, que repararia assim, a honra desfeita.

Por sua vez, o romance de Milton Hatoum centraliza o enredo na história dos gêmeos que se tornam inimigos, Yaqub e Omar (o caçula), e as relações destes com a mãe, o pai e a irmã. Respectivamente: Zana, Halim e Rania. Nos fundos da mesma casa, localizada num bairro de Manaus, moram a empregada Domingas e seu filho Nael, um menino que anos mais tarde narra uma estória cheia de vingança, paixão e relações arriscadas, buscando a identidade de seu pai (Yaqub ou Omar).

A história do conflito familiar de *Os dois irmãos*, de Germano Almeida, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, inicialmente estabelece relações intertextuais com outras duas famílias bíblicas universalmente conhecidas: Adão e Eva, Isaac e Rebeca, ambas presentes no Gênesis, primeiro livro da Bíblia Sagrada. O diálogo entre estas obras se dá, sobretudo, pelo conflito entre os irmãos Yaqub e Omar, André e João em associação com os mitos bíblicos Caim e Abel, Esaú e Jacó. A matriarca de *Dois irmãos* (Zana) remete-nos a Rebeca (mãe de Esaú e Jacó), pela opção afetiva pelo caçula Omar em detrimento de Yaqub, atitude que coloca os irmãos ainda mais em polos opostos.

A narrativa de Adão e Eva (no terceiro capítulo do Gênesis) é o mito primeiro da violência. Caim, etimologicamente o forte, é o filho mais velho de Adão e Eva, em contraposição a Abel, o fraco. Ambos

1 Essa afirmação consta do frontispício do romance *Os dois irmãos*, chamando a atenção do leitor para a veracidade da história que inspirou o autor a escrever o romance mencionado.



fazem oferendas a Deus, que prefere as de Abel. Enciumado, Caim perde “o olhar” de humanidade e assassina o irmão originando o primeiro ato violento entre os homens.

Esaú e Jacó são conhecidos como os gêmeos bíblicos da rivalidade e da reconciliação. Esses gêmeos lutam desde o ventre materno. Jacó, o mais novo, nasce agarrado no calcanhar de Esaú. Mais tarde se separam, depois que Jacó usurpa o direito de primogenitura do irmão ao se passar por ele (vestindo as suas roupas) diante do pai cego, num logro engendrado por Rebeca, a mãe dos gêmeos. Instala-se o ódio entre eles, Jacó foge para a casa de Labão e se casa com suas filhas Lia e Raquel. Mais tarde, enriquecido, retorna à casa paterna e se reconcilia com o irmão, reconhecendo-o como seu senhor (Gênesis, cap. 27 a 33).

Em *Édipo Rei*, de Sófocles, antes que Laio rejeitasse seu filho Édipo, há outras estórias conhecidas de rejeição, como a de Urano. Porém, o texto de Sófocles tornou-se o mais conhecido, talvez por servir de base a Freud para a criação da psicanálise. Para a elaboração da teoria do complexo de Édipo, o psicanalista tomou como base a paixão do filho pela mãe, ou a contrapartida, o desejo da filha pelo pai – denominado complexo de Electra.

Há muitas versões sobre o mito de Édipo, mas pouco alteram o seu sentido. Uma das versões é a de que Laio fora amaldiçoado por Pélops por ter tido em sua juventude uma paixão louca por seu filho Crísipo. Talvez por isto, o rei de Tebas (Laio), pouco antes de se unir a Jocasta, consulta o oráculo de Delfos sobre sua descendência e ouve dele a terrível profecia de que teria um filho que mataria o pai e esposaria a mãe. Para livrar-se da profecia, Laio encarrega um servo de matar seu filho. Entre a fidelidade ao seu rei e a terrível incumbência de assassinar o menino, o servo limita-se a perfurar seus pés e deixá-lo suspenso amarrado num galho de uma árvore no monte Cíteron. Forbas, um pastor de ovelhas, encontra a criança com os pés amarrados e, compadecido, entrega-a para Políbio, rei de Corinto, cuja esposa a adota como filho. O menino é Édipo, (cujo nome em grego significa “pé inchado”).

Ainda jovem, Édipo vai a Delfos em busca da verdade sobre



sua ascendência e descobre seu terrível destino. Impressionado com a violenta profecia e, para não matar Políbio, que pensava ser seu pai, Édipo dirige-se a Fócida e, num desentendimento na estrada, mata um ancião sem saber que ele é Laio, seu verdadeiro pai. Em Tebas, encontra a cidade desolada, decifra o enigma da esfinge e salva a cidade de uma maldição. Como recompensa, casa-se com Jocasta, a viúva de Laio, que não sabia ser sua mãe. Quatro filhos são gerados desta união: Antígona, Ismene, Eteócles e Polinices. Mais tarde, ao ser descoberto o incesto, Jocasta mata-se imediatamente, Édipo se pune arrancando os próprios olhos, julgando-se não mais merecedor de ver a luz do Sol e, expulso pelos filhos, vai se exilar em Colona, acompanhado por Antígona, a filha que não o abandona.

De Sófocles a Hatoum, a rejeição de Halim por Omar (o ladrão do amor de Zana) intertextualiza com a rejeição de Laio por Édipo. No mito grego (Laio), a estratégia da rejeição foi inútil e cumpriu-se a profecia. Halim também tentou livrar-se dos filhos: “queria mandar os dois para o sul do Líbano. Zana relutou, e conseguiu persuadir o marido a mandar apenas Yaqub” (ODI, p. 15). Posteriormente, o çacula foi mandado à força a São Paulo “Halim o empurrou com força e deu as costas ao filho [...] Ele viajou dando coices no ar, rebelde, enraivecido (Ibidem p. 106), mas retornou. Ausente ou em presença, Omar atrapalhava o pai da mesma forma, Zana enlouquecia sem o filho por perto. Halim torcia para que o filho se envolvesse com qualquer mulher e desaparecesse, mas Zana não permitia que o çacula solidificasse um relacionamento.

Em *Dois irmãos*, a relação incestuosa, como em *Édipo Rei*, também está presente. O incesto no romance ocorre entre os gêmeos e a irmã. Rania também teve seu namoro proibido pela mãe, por considerar não estar à altura da filha um pretendente de que esta gostava. Contrariada, Rania resolve ficar sozinha e manter uma relação que beira o incesto com os dois irmãos.

Com um ou com outro Rania “formava um par promissor” (p. 117), afirma o narrador através da personagem Nael. Este observa atento o jogo de sensualidade e sedução de Rania para com os gêmeos,



talvez por desejá-la também. A condição de sobrinho não impede que Nael concretize um momento longamente aguardado:

Ela ofegava. E não se esquivou do meu corpo nem evitou meu abraço, meus afagos, os beijos que eu desejava fazia tanto tempo. Pediu que eu apagasse a luz, e passamos horas juntos naquele suadouro. Aquela noite foi uma das mais desejadas da minha vida (2000, p. 206).

Em *Os dois irmãos*, de Germano Almeida, ao invés do incesto, procede o suposto adultério entre João e sua cunhada Maria Joana, segundo a visão do patriarca. Essa suposição torna-se o estopim da tragédia familiar.

Não se poderia aqui omitir *Antígona*, da trilogia de Sófocles: *Édipo Rei*, *Édipo em Colona* e *Antígona*. Morto o pai em Colona, Antígona retorna a Tebas e encontra seus irmãos disputando a sucessão ao trono. Eles chegam a um acordo: cada um ficaria alternadamente um ano no trono. Etéocles assume primeiro e, passado um ano, recusa passar o trono ao irmão. Polinices se retira para Argos, onde se casa com a filha do rei, que lhe coloca à disposição um exército para se apossar do trono em Tebas. Trava-se uma batalha sangrenta e os irmãos morrem um pela mão do outro. Creonte assume o reino e, como punição pela invasão da cidade, proíbe o sepultamento de Polinices, sob pena de morte a quem o desrespeitasse. Antígona desafia Creonte, ao sepultar o irmão e cultuá-lo e por isto é enterrada viva.

Em *Antígona*, como nos romances *Os dois irmãos* e *Dois irmãos*, o conflito entre os irmãos acaba por destruir as famílias não apenas pela discórdia estabelecida, mas também porque os filhos dessas três famílias não geram herdeiros. No romance de Hatoum e na tragédia de Sófocles realiza-se nos filhos o desejo dos pais (varões) de não ter descendentes.

Em *Lavoura arcaica* (1989), de Raduan Nassar, encontramos um drama lírico e trágico da eterna luta entre a tradição e a liberdade. Este romance, como *Dois irmãos*, revisita o repertório bíblico e clássico, além de arquétipos conhecidos como a parábola evangélica do filho pródigo. Trata do amor e do incesto entre André e a irmã Ana, que motivam a



tragédia familiar. A austeridade paterna fundamentada na tradição e na religião, aos moldes de *Os dois irmãos*, de Germano Almeida, não admite a falência na educação e muito menos a transgressão dos filhos numa família tradicional em que a sacralidade era defendida a qualquer preço. Se em Germano o pai entregava o caçula ao irmão mais velho para que ele “fizesse o que bem entendesse”, em Raduan o pai vem a falecer num ataque de tristeza, logo que percebe o relacionamento amoroso entre os filhos André e Ana.

Voltando à saga de Esaú e Jacó (filhos de Isaac), segundo Benedito Nunes, esta forneceu a Milton Hatoum a linha principal de *Dois irmãos*. Este romance, segundo o filósofo, “é a tríplice progênie, etnográfica, bíblica e literária, de sua moldagem mítica, remontando, por um lado, a uma das mais primitivas representações grupais, por outro à história veterotestamentária de Esaú e Jacó, e finalmente, ao romance machadiano de título homônimo” (2007, p. 216). Hatoum revisita esta “tríplice progênie”, mas com diferenças, que começam pelo narrador em primeira pessoa, em *Dois irmãos*.

Na literatura brasileira, o romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis tornou-se o paradigma fraterno conflitante mais conhecido. Esta obra traz no próprio título uma referência direta ao mito bíblico Esaú e Jacó do livro do Gênesis. Pedro e Paulo, como Esaú e Jacó, rivalizam ainda no ventre da mãe. Na narrativa de Machado de Assis, os gêmeos são iguais na aparência, porém simetricamente diferentes, seguindo em campos opostos da infância à maturidade. Pedro é dissimulado e conservador, enquanto Paulo é arrojado e impetuoso. O primeiro se forma em medicina e o último, em advocacia. Com posições políticas diferentes, Pedro adere à monarquia e Paulo ao partido republicano. O que eles têm em comum é o amor extremado pela mãe e uma paixão pela mesma moça, Flora. Ela, na impossibilidade e na necessidade de ter os dois (já que um completaria o outro), acaba por morrer. Diante do túmulo surge-lhes a ideia gêmea de uma reconciliação, porém continuam a digladiar-se na tribuna onde são deputados. Há um juramento de paz e uma rápida reconciliação com a morte da mãe, mas seguem como sempre, desunidos.



Como se constata, quando esse tema parecia esgotado no Brasil, Milton Hatoum revigorou-o com a publicação de *Dois irmãos*, enquanto em Cabo Verde, cinco anos antes da publicação de Hatoum, Germano Almeida trouxe à tona o tema com a publicação do romance *Os dois irmãos* (1995). A revisitação do mito nesses dois romances está em consonância com os espaços dessas narrativas.

Ainda que à primeira vista não possamos tomar o par de mitos - Esaú e Jacó - como pilar da armação das narrativas em estudo, a díade aparenta ser, no mínimo, indissociável como estrutura antitética, pois nos leva ao tema dos irmãos, dialogando com os dois romances escolhidos. Estes se aproximam por uma série de fatores. Queremos ressaltar que os irmãos bíblicos Esaú e Jacó acabam por se reconciliar, embora não haja essa possibilidade nos romances de Hatoum e Germano Almeida. Nessas obras, os irmãos representam seres humanos em campos adversários, por isto se opõem aos da mitologia, seres divinizados. Na narrativa de Germano Almeida, as adversidades entre os irmãos chegam ao extremo, causando a morte de um dos irmãos, como no par Caim e Abel; na ficção de Hatoum chegam ao limite da loucura.

A referência a este mito bíblico em *Dois irmãos* (2000) é feita por Zana, numa carta enviada a Yaqub em mais uma tentativa de aproximar os filhos na construção de um hotel. Porém os gêmeos veem como motivo de escárnio a citação do mito bíblico de Caim e Abel. Yaqub responde a carta desconhecendo o pedido da mãe e fazendo a seguinte menção: “Oxalá seja resolvido com civilidade; se houver violência, será uma cena bíblica” (p. 228). Ao ler a carta, Omar ri e em tom de deboche, ironiza: “O que o sabichão quer dizer com *cena bíblica*, hein Rânia? O que o teu irmão entende de civilidade?” (p. 229).

Sobre o diálogo entre o texto de Hatoum e o *Gênesis*, refletamos sobre a afirmação de Hugo Almeida:

Como Machado de Assis em *Esaú e Jacó*, Milton Hatoum não ficou preso ao texto bíblico para construir a história de *Dois Irmãos*. Ao usar o drama dos gêmeos de Rebeca e Isaac, e de Caim e Abel, não escreveu mera paráfrase do Gênesis. Fez adaptações e inversões importantes. No texto bíblico, o



primogênito é Esaú, mas Omar, também “peludo”, é o caçula. Rebeca preferia Jacó, ao contrário de Zana. E Isaac gostava mais de Esaú. Quando viveu contra sua vontade no Líbano, Yaqub foi pastor de ovelhas, como Abel. Da mesma forma que Caim, “fugitivo e errante sobre a terra”, Omar “prisioneiro de tanto desejo”, está sempre fugindo – da mãe, da irmã, da polícia – e não encontra sossego².

São pertinentes as observações feitas por Hugo Almeida; no entanto, queremos acrescentar ainda a este jogo proposto por Hatoum que, em hebraico, Yaqub significa Jacó, e não Esaú, o primogênito. Portanto, o autor, para manipular as inversões, teve também o cuidado na escolha dos nomes. Quanto à preferência de Zana por Omar, não nos parece totalmente contrária à de Rebeca, pois se por um lado Omar é peludo como Esaú, contrariando assim o texto bíblico, por outro, é o filho caçula como Jacó. Lembra-nos ainda Hugo Almeida (Jornal de Resenhas, 2000) que a inversão também ocorre com Caim e Abel, uma vez que, no Líbano, Yaqub foi pastor de ovelhas como Abel. No romance de Germano Almeida há uma escolha clara de André pelo pai, enquanto que a mãe, mesmo sem forças, silenciosamente implora pela vida de João, o filho caçula de *Os dois irmãos*, que também tem preferência por uma vida simples e solta, próxima à natureza. Ou seja, exceto as inversões de Hatoum, parece possível afirmar que Yaqub e André estão mais próximos de Esaú, assim como Omar e João aproximam-se de Jacó.

Se o conflito entre irmãos está presente na história da humanidade, a inspiração para as narrativas estudadas diferencia-se: Germano Almeida (como já se disse) afirma que encontrou a motivação para a escrita de seu romance numa história real que presenciou como Agente do Ministério Público, em Cabo Verde. Certamente, o autor conhece os mitos citados, entre outros, porém viveu pessoalmente uma história real, ponto de partida para a escrita de seu romance.

Por sua vez, o romance de Hatoum tem uma inspiração

² Artigo publicado no Caderno de resenhas da *Folha de São Paulo* em 29 de abril de 2000.



livresca, mantendo com vários pontos de contato entre *Dois irmãos* e o romance *Esau e Jacó* de Machado de Assis, que enfoca o mito bíblico homônimo. Milton Hatoum esclarece sua inspiração e a presença do mito da rivalidade entre irmãos na Conferência *Arquitetura da memória*, realizada Aliança Francesa em São Paulo:

Dois Irmãos tem uma inspiração livresca que já falei diversas vezes, é um mito, uma estória bíblica da rivalidade de irmãos. Não só bíblica porque os mitos do ocidente também existem no oriente, e os do oriente são muito mais antigos. O mito dos irmãos rivais do Egito é um mito antiquíssimo. Há também os da rivalidade de irmãos na cultura ameríndia... e em toda parte. Inclusive em algumas tribos os gêmeos são considerados uma maldição. Também há na cultura árabe e na judaica. Eu me lembro quando morava em Higienópolis, mães que haviam lido meu livro disseram: “Você escreveu uma parte da estória da minha família”³.

O autor de *Dois irmãos*, numa referência explícita, como lembra a pesquisadora Maria da Luz Pinheiro de Cristo (2007), transcreve fidedignamente um trecho do romance machadiano voltado à personagem Flora: “Gostava dela, era atraído pelo contraste de uma mulher assim, tão humana e tão fora do mundo, tão etérea e tão ambiciosa ao mesmo tempo”.⁴ Este excerto do romance *Esau e Jacó* reaproveitado em *Dois irmãos* retrata os sentimentos do narrador Nael para com Rania, a irmã dos gêmeos.

No romance machadiano citado, ainda que os irmãos Pedro e Paulo antagonizem até o fim, no nível da trama, a mãe Natividade morre com a certeza de ver os filhos reconciliados. Em Hatoum, Zana deixa a vida aflita por não presenciar nenhum sinal de reconciliação entre os gêmeos: “Meus filhos já fizeram as pazes? (...) Não queria morrer vendo os gêmeos se odiarem como dois inimigos. Não era mãe de Caim e Abel” (2000, pp. 12 e 227-228).

3 Conferência “Arquitetura da memória”, realizada em 18 de março de 2007, na Aliança Francesa em São Paulo.

4 *Dois irmãos*, p. 262, e *Esau e Jacó*, p. 133.



Tanto em Germano quanto em Hatoum, a afeição pelas mulheres é a causa principal do conflito entre os irmãos: na obra de Germano, o suposto adultério entre João e Maria Joana dá origem ao conflito que desencadeia a tragédia; no romance de Hatoum, Yaqub e Omar disputam o amor da mãe, da irmã e de Lívia, a mocinha dengosa que atraía os dois.

Machado de Assis constrói um futuro feliz para os gêmeos na trama romanesca: os irmãos seguem em campos opostos, mas têm um ativo papel político na República. No Brasil Moderno de Hatoum, os irmãos também seguem por caminhos adversos: um pelo trabalho desenvolvimentista (enriquece, mas não é feliz) e o outro pelo ócio irresponsável rumo à derrocada. Rania fica paralisada ao ver o estado de Omar antes de ser preso:

Estava magro, meio amarelão, barba de uma semana, o cabelo crespo com jeito de juba. Os braços cheios de arranhões, a testa avolumada por calombos. Os olhos fundos e acesos davam a impressão de um ser à deriva, mesmo sem ter perdido totalmente a vontade ou a força de recuperar uma coisa perdida (p. 259).

O caçula, antes um felino indomável pronto para atacar por instinto, perseguido pelo irmão, contando apenas com Rania, que pouco pode fazer por ele, aparenta chegar ao fim como um velho leão acuado, sem forças diante do inimigo, num espaço sobre o qual não tem mais domínio.

Se no romance de Hatoum a reconciliação não acontece e a interferência da família gera novos conflitos, no de Germano a mãe pressente o pior e tenta proteger o caçula, mas sem resultado. Com o rosário às mãos, só lhe resta pedir “a Deus que lhe conservasse os seus filhos em bem” (p. 74). O último parágrafo do romance revela, com força expressiva, um momento de extrema tensão quando João, chamado pelo irmão mais velho, trôpego, caminha ao seu encontro:

João olhava ao redor num inútil pedido de auxílio. Porém



não havia nem compreensão nem compaixão em nenhuma das pessoas presentes, apenas a pasmada resignação diante da inelutável fatalidade. João olhou para André que da rua continuava gritando, João!, João!, João!, e viu os olhos de José Furtado sentado em silêncio na sua cadeira e viu que todos estavam pendentes dos seus gestos e dos seus actos porque todos sabiam que ele sabia o que tinha a fazer. E foi assim desamparado e como sonâmbulo que João se deixou tropeçar para a rua e à frente de André caminhou vagarosamente para o beco (ODI, p. 238).

Neste excerto, o narrador faz uso de uma linguagem precisa e comovente para concluir o romance com o desfecho do crime quando João (consciente de que seria executado) olha para o irmão que iria matá-lo, para José Furtado, o “cabo-chefe da aldeia” e para os aldeões em seu redor como um último pedido de auxílio, mas tudo já está determinado. Desamparado, o caçula, como se cumprisse um ritual, segue trôpego em direção a André, impulsionado por uma força maior. Essa harmonização entre o espaço e a ação, recorda-nos a proposta de Lins ao afirmar que o espaço transfigurado em ambientação, provoca uma ação quando “a personagem, não empenhada em conduzir a própria vida – ou uma parte da sua vida – vê-se à mercê de fatores que lhe são estranhos” (LINS, 1976, p. 11).

Também Hatoum conclui seu romance com a desgraça de Omar, quando essa personagem deixa o presídio “à custa dos níqueis acumulados por Rania” (p. 262) e, titubeante, volta à casa que não mais lhe pertence, perdido como um naufrago:

Ele ousou e veio avançando, os pés descalços no aguaçal. Um homem de meia-idade, o Caçula. E já quase velho. Ele me encarou. Eu esperei. Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O perdão. Omar titubeou. Olhou para mim, emudecido. Assim ficou por um tempo, o olhar cortando a chuva e a janela, para além de qualquer ângulo ou ponto fixo. Era um olhar à deriva. Depois recuou lentamente, deu as costas e foi embora (DI, pp. 265-



Sem a mãe que sempre o protegeu, e a casa, que fora transformada numa loja de quinquilharias, Omar é mais um perdido, subtraído de uma Manaus sem raízes, dissipada por um “progresso” defendido pelo irmão que o arruinou. Combalido, o “noivo cativo” da mãe (DI, p. 177), que “tudo” pudera, menos ter uma mulher para si, segue o destino a esmo, sozinho, à espera do fim.

A prisão e o infortúnio de Omar (perseguido por Yaqub) e a morte de João concluem os dois romances com a ruína das famílias dessas personagens. As obras dialogam com o mito da violência entre os irmãos em dois contextos diferentes: em Germano (segundo o autor), o romance tem como base uma história real que aconteceu pelos idos de 1976, numa aldeia tradicional da ilha de Santiago; em Hatoum, a estória se estrutura num núcleo mítico que se metamorfoseia em romance.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. de. **Os dois irmãos**. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

ASSIS, M. de. **Esau e Jacó**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. Degradação do espaço. In: **Revista de Letras**. Assis, vol. 14, pp. 7-36, 1972.

CRISTO, M. da L. P. de. **Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum**. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas / UNINORT, 2007.



COMMELIN, P. **Nova mitologia grega e romana**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FINAZZI-AGRÒ, E. & VECCHI R. (Orgs.). **Formas e mediações do trágico moderno: uma leitura do Brasil**. São Paulo: Unimarco Editora, 2004.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. **Crônica de uma morte anunciada**. Trad. Remy Gorga Filho. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LACAN, J. **A família**. Tradução de Brigitte Cardoso e Cunha, Ana Paula dos Santos, Graça Lamas e Graça Lapa. Lisboa: Assírio & Alvim, 1981.

LINS, O. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

NASSAR, R. **Lavoura arcaica**. 3ª ed. rev. pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FREIRE, J. A. T. **Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum**. Tese de Doutorado/USP: São Paulo. 2006.

PELLEGRINI, T. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: **Luzo-Brazilian Review**. v. 41-1, 2004, pp. 121-128.

PERRONE-MOISÉS, L. A cidade flutuante. **Folha de São Paulo**.



São Paulo: 12/08/20, Caderno de resenhas, p. 7.

TOLEDO, M. P. M. e F. de. **Entre olhares e vozes: foco narrativo e retórica em Relato de um certo oriente e Dois irmãos, de Milton Hatoum.** São Paulo: Nankin Editorial, 2004.